ALBERT CAMUS (1913-1960)
L'ÉTRANGER (1942)

Isabel Matos Dias Caldeira Cabral

ALBERT CAMUS

L'Envers et l'Endroit, 1937 (ensaios)
Noces, 1939 (ensaios)

Ciclo do Absurdo
L'Étranger, 1942 (romance)
Le Mythe de Sisyphe, 1942 (ensaio)
Caligula, 1944 (peça de teatro)
Le Malentendu, 1944 (peça de teatro)

Ciclo da Revolta
La Peste, 1947 (romance)
L'État de siège, 1948 (peça de teatro)
Les Justes, 1949 (peça de teatro)
L'Homme Revolté, 1951 (ensaio)

Ciclo do Amor (inacabado)
Le Premier Homme, 1994 (publicação póstuma)

ALBERT CAMUS

L'Été, 1954 (novelas)
La Chute, 1956 (romance)
Discours de Suède, 1957
L'Exil et le Royaume, 1957 (contos)

Carnets I, 1935 – 1942
Carnets II, 1942 – 1951
Carnets III, 1950 – 1959

La Mort heureuse, 1971 (publicação póstuma)

L'ÉTRANGER ou A VIDA ENTRE O DIREITO E O AVESSO

A VIDA E A OBRA

Entre os afectos e a geografia
Nostalgia da pobreza e da luz

***L'ÉTRANGER*:**
UM "INSTRUMENTO OPTICO"

O Sol e o mar
Caricatura da justiça
A vivência da morte

LITERATURA E FILOSOFIA:
CONVERGÊNCIA NO OLHAR

Se queres ser filósofo, escreve romances **(Camus)**

A VIDA E A OBRA

Cada artista guarda no fundo de si uma única fonte que alimenta durante a sua vida o que ele é e o que ele diz.(...) Para mim, sei que a minha fonte está em L'Envers et L'Endroit (O Avesso e o Direito), neste mundo de pobreza e de luz onde vivi muito tempo e cuja recordação me preserva ainda de dois perigos contrários que ameaçam todo o artista: o ressentimento e a satisfação.

(...) poria ainda no cerne desta obra, o admirável silêncio de uma* mãe *e o esforço de um homem para reencontrar uma justiça ou um amor que equilibre este silêncio.

L'Envers et L'Endroit, Préface, 1958

A VIDA E A OBRA

Entre os afectos e a geografia

10 de Dezembro 1957

Caro Senhor Germain,
Deixei acalmar um pouco o barulho que me rodeou todos estes dias antes de falar-lhe do fundo do meu coração. Acabam de me atribuir uma enorme distinção, que não procurei nem solicitei. Mas quando soube da notícia, o meu primeiro pensamento, depois da minha mãe, foi para si. Sem si, sem a mão afectuosa que estendeu à criança pobre que eu era, sem o seu ensino e o seu exemplo, nada disto me teria acontecido. (...) Esta distinção constituiu uma oportunidade para lhe dizer o que foi e será sempre para mim, assegurar-lhe que os seus esforços, o seu trabalho e o coração generoso que aí depunha estão sempre vivos num dos seus pequenos alunos que, apesar da idade, não deixou de ser o seu aluno reconhecido.

Abraço-o com todas as minhas forças
Albert Camus

A VIDA E A OBRA

Nostalgia da pobreza e da luz

O que eu quero dizer:
***Que se pode ter – sem romantismo – a nostalgia de uma pobreza perdida. Diversos anos vividos miseravelmente chegam para construir uma sensibilidade. Neste caso particular, o sentimento bizarro que o filho tem para com a sua mãe constitui toda a sua* sensibilidade.**

***Carnets I*, 1935**

A VIDA E A OBRA

Nostalgia da pobreza e da luz

A pobreza nunca foi uma infelicidade para mim: a luz propagava aí as suas riquezas. (...) o belo calor que reinava na minha infância privou-me de todo o ressentimento. Vivia na dificuldade mas também numa espécie de fruição. Sentia forças infinitas. (...) em África, o mar e o sol não custam nada. (...) Há no mundo muitas injustiças, mas há uma de que não se fala nunca, a do clima.
Para as pessoas ricas o céu (...) parece um dom natural. Para as pessoas pobres, é-lhe restituída a característica de graça infinita.
Ainda que eu viva agora sem a preocupação com o dia de amanhã, portanto como privilegiado, eu não sei possuir (...), sou avaro desta liberdade que desaparece quando começa o excesso de bens. O maior dos luxos coincidiu sempre, para mim, com uma certa nudez.

L'Envers et l'Endroit, 1937
Préface, 1958

A VIDA E A OBRA

A terra o sol o vento o mar
São minha biografia e são meu rosto.

Sophia de Mello Breyner Andresen, Poema in Geografia, 1967

Dai-me a casa vazia e simples onde a luz é preciosa. Dai-me a beleza intensa e nua do que é frugal. Quero comer devagar e gravemente como aquele que sabe o contorno carnudo e o peso grave das coisas. Não quero possuir a terra mas ser um com ela. Não quero possuir nem dominar porque quero ser: esta é a necessidade. Com veemência e fúria defendo a fidelidade ao estar terrestre. O mundo do ter perturba e paralisa e desvia em seus circuitos o estar, o viver, o ser. Dai-me a claridade daquilo que é exactamente o necessário. Dai-me a limpeza de que não haja lucro. Que a vida seja limpa de todo o luxo e de todo o lixo. Chegou o tempo da nova aliança com a vida.

Sophia de Mello Breyner Andresen, Inédito, s.d.

L'ÉTRANGER: UM "INSTRUMENTO ÓPTICO"

A obra do escritor *não passa de uma espécie de* instrumento óptico *que ele oferece ao leitor a fim de lhe permitir discernir aquilo que, se não fosse aquele livro, ele porventura nunca veria dentro de si mesmo.*

M. Proust*, Le Temps retrouvé,1927*

L'ÉTRANGER: UM "INSTRUMENTO ÓPTICO"

Mal saíra do prelo, O Estrangeiro de Camus obteve a maior aceitação. Toda a gente dizia que "era o melhor livro desde o armistício". No meio da produção literária desse tempo, este romance era, ele próprio, um estrangeiro. Chegáva-nos do outro lado da linha, do outro lado do mar (…).

J-P., Sartre, *Cahiers du Sud,* 1943

Visconti, *O Estrangeiro*, com Marcello Mastroianni e Anna Karina, 1967

L'ÉTRANGER: UM "INSTRUMENTO ÓPTICO"

O Sol e o mar

Hoje a mãe/mamã morreu. Ou talvez ontem, não sei bem.

Sua mãe falecida. Enterro amanhã. Sentidos pêsames.

O Estrangeiro, trad. António Quadros, Livros do Brasil, 2016, p. 7

O porteiro manejou o interruptor e eu fiquei por momentos cego, pelo aparecimento súbito da luz (…). *Perguntei-lhe se não se poderia apagar uma das lâmpadas. O reflexo da luz nas paredes cansava-me.*

O Estrangeiro, pp. 10-11

L'ÉTRANGER: UM "INSTRUMENTO ÓPTICO"

O Sol e o mar

O céu estava já cheio de sol. (…).Eu olhava os campos em meu redor. Através das linhas de ciprestes que levam às colinas perto do céu, desta terra ruiva e verde, destas casas raras e bem desenhadas, eu compreendia a minha mãe.

O Estrangeiro , p. 15

À força de viver com ele, os dois sozinhos num pequeno quarto, o velho Salamano acabou por ficar parecido com o cão. Quanto ao cão, tomou do dono uma espécie de ar curvado, focinho para a frente e pescoço estendido. Parecem da mesma raça e, no entanto, detestam-se.

O Estrangeiro, p. 22

L'ÉTRANGER: UM "INSTRUMENTO ÓPTICO"

O Sol e o mar

Era o mesmo sol do dia em que a minha mãe fora a enterrar e, como então, doía-me a testa, e todas as suas veias batiam ao mesmo tempo debaixo da pele. Por causa desta queimadura que já não podia suportar mais, fiz um movimento para a frente. Sabia que era estúpido, que não me iria desembaraçar do sol simplesmente por dar um passo em frente. Mas dei um passo, um só passo em frente. E, desta vez, sem se levantar, o árabe tirou a navalha da algibeira e mostrou-ma ao sol. A luz reflectiu-se no aço e era como uma lâmina faiscante que me atingisse na testa. (…) Os meus olhos ficaram cegos. (…) O gatilho cedeu (…) e foi aí, com um barulho ao mesmo tempo seco e ensurdecedor, que tudo principiou. Sacudi o suor e o sol. Compreendi que destruíra o equilíbrio do dia, o silêncio excepcional de uma praia onde havia sido feliz. Voltei então a disparar mais quatro vezes contra um corpo inerte, (…). E era como se batesse quatro breves pancadas à porta da desgraça.

O Estrangeiro, pp. 43-44

L'ÉTRANGER: UM "INSTRUMENTO ÓPTICO"

Caricatura da Justiça

Expliquei-lhe, no entanto, que a minha natureza era feita de tal modo que as minhas necessidades físicas perturbavam frequentemente os meus sentimentos. No dia do enterro, estava muito cansado e com muito sono, de forma que não dei lá muito bem pelo que se passou. (…) Perguntou-me se se poderia dizer que, nesse dia, eu reprimira os meus sentimentos naturais. Respondi: Não, porque não é verdade.

O Estrangeiro, p. 48

L'ÉTRANGER ou A VIDA ENTRE O DIREITO E O AVESSO

L'ÉTRANGER: UM "INSTRUMENTO ÓPTICO"

A vivência da morte

(…) aprendi a recordar (…) Assim, quanto mais pensava mais coisas esquecidas ia tirando da memória. Compreendi, então, que um homem que houvesse vivido um único dia poderia sem custo passar cem anos numa prisão. Teria recordações suficientes para não se maçar.

O Estrangeiro, p. 58

Uma vida onde me pudesse lembrar desta vida.

O Estrangeiro, p. 85

L'ÉTRANGER ou A VIDA ENTRE O DIREITO E O AVESSO

L'ÉTRANGER: UM "INSTRUMENTO ÓPTICO"

A vivência da morte

(…) acordei com estrelas sobre o rosto. Subiam até mim ruídos campesinos. Aromas de noite, de terra e de sal refrescavam-me as têmporas. A paz maravilhosa deste verão adormecido entrava em mim como uma maré. Neste momento, e no limite da noite soaram apitos. Anunciavam possivelmente partidas para um mundo que me era para sempre indiferente. Pela primeira vez, há muito tempo, pensei na minha mãe. Julguei ter compreendido porque é que, no fim de uma vida arranjara um noivo (…). Tão perto da morte, a minha mãe deve ter-se sentido liberta e pronta a tudo reviver.(…) também eu me sinto pronto a tudo reviver. (…) diante desta noite carregada de sinais e de estrelas, eu abria-me, pela primeira vez, à terna indiferença do mundo.

O Estrangeiro, p. 87

L'ÉTRANGER ou A VIDA ENTRE O DIREITO E O AVESSO

LITERATURA E FILOSOFIA: CONVERGÊNCIA NO OLHAR

Se queres ser filósofo, escreve romances (Camus)

Só pensamos por imagem. Se queres ser filósofo, escreve romances.

Carnets, I, Février 1942, Gallimard, 1962, p. 23 (Maio de 1935)

Porque sou um artista e não um filósofo? É porque penso segundo as palavras e não segundo as ideias.

Carnets, II, p. 146 (Outubro de 1945)

LITERATURA E FILOSOFIA: CONVERGÊNCIA NO OLHAR

A verdadeira filosofia consiste em reaprender a ver o mundo e, neste sentido, uma história contada pode significar o mundo com tanta profundidade como um tratado de filosofia.

M. Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception, 1945*